

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Jéssica Luana Fernandes

Aluna do Curso de Pedagogia do CAMEAM-UERN. Autora

Aline Raiany Fernandes Soares

Aluna do Curso de Pedagogia do CAMEAM-UERN. Coautora

RESUMO: Este trabalho traz reflexões sobre a educação não-formal fazendo um comparativo entre a educação adquirida nesse espaço em questão e sobre a educação adquirida no espaço formal. Aliando os estudos dos teóricos à nossa experiência no estágio supervisionado III realizado no município de Pau dos Ferros - RN, no Centro de Referência e Assistência Social - CRAS, objetivando trazer algumas reflexões sobre o trabalho do pedagogo nesse campo, buscamos também esclarecer que ambos os espaços são complementares e necessários. Para tanto, nos referenciamos em autores como Gohn (2006, 2012), Gadotti (2005), Ferreira (2008), Ribeiro (2008), Libâneo (2011) e Tavares (2010). Abordamos neste trabalho a concepção e diferenciação entre formal e não-formal, bem como a atuação do pedagogo nesses espaços, apresentando nossa vivência de estágio no espaço não-escolar. Percebemos como se dá o trabalho pedagógico e como o espaço não-formal possibilita meios de aprendizagens para os grupos de vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Não-formal. Estágio Supervisionado. Vivência.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de estudos acerca da atuação do pedagogo em espaços não-escolares, fundamentado em autores como Gohn (2006, 2012), Gadotti (2005), Ferreira (2008), Ribeiro (2008), Libâneo (2011) e Tavares (2010) que contribuíram com elementos importantes para a compreensão da atuação pedagógica nos espaços que oferecem uma educação tida como não-formal. Os autores apresentam-nos também elementos sobre a relação com a educação formal, diferencia-os e correlacionam, não inferiorizando ou super valorizando, mas apresentando ambos os espaços como diferentes e que coexistem.

O trabalho aqui presente também inclui a nossa experiência no Estágio Supervisionado III, realizado no município de Pau dos Ferros, no Centro de Referência e Assistência Social-CRAS, bem como discussões realizadas em sala de aula durante o processo de estágio no 7º período de pedagogia CAMEAM/UERN, que nos permitiu conhecer e aprofundar o conhecimento sobre esse espaço.

Neste sentido, a natureza desse trabalho é possibilitar reflexões acerca da atuação do pedagogo nesses espaços, explicitando nossa vivência, conhecimentos e compreensões advindas da realização do estágio durante esse semestre.

Seguindo esta idéia, o artigo encontra-se dividido em duas partes, a saber: a primeira tratará os estudos dos autores já mencionados, alguns entendimentos sobre a educação não-formal perpassando também pela educação formal, enfim sua relação; e na segunda parte apresentaremos nossa experiência de estágio, refletindo sobre os estudos já relatados anteriormente.

1. ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Discutir hoje sobre esse novo espaço que demanda trabalho do pedagogo não é tarefa fácil, se levarmos em consideração a abrangência e as possibilidades para o trabalho pedagógico. Neste sentido, faz-se necessário primeiramente sabermos o que entendemos e compreendemos por educação não-formal e formal. Desta forma Gadotti (2005, p.2) define que,

A **educação formal** tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A **educação não-formal** é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema seqüencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

Assim, passamos a entender que a educação não-formal se refere aos espaços que não são escolas ou Universidades, e que também tem uma intencionalidade em formar o indivíduo, servindo para preencher a lacuna existente deixada pela escola, tendo em vista que a escola não se preocupa em formar para a vida, para o convívio social, para a cidadania. A exemplo disso tem-se os trabalhos realizados nos grupos dos Centros de Referência e Assistência Social, a famílias - CRAS, a ser apresentado no item mais a frente.

Não estamos aqui com intenção de super valorizar um ou outro espaço, mas contrário, é exatamente pelas suas particularidades e especificidades, que ambos se complementam. E em prol do desenvolvimento do indivíduo, a educação não-formal não está e nem pode

substituir a educação formal, apenas complementa - lá. Assim Gohn (2006, p. 37) vem nos alertar que;

[...] é preciso voltar os olhos para a organização da sociedade civil, para os processos de educação não-formal que nela se desenvolvem, e para o papel que a escola pode ter como campo de formação de um novo modelo civilizatório. Precisamos de uma nova educação que forme o cidadão para atuar nos dias de hoje, e transforme culturas políticas arcaicas, arraigadas, em culturas políticas transformadoras e emancipatórias.

Significa dizer que, faz-se urgente reconhecer a integração entre a educação formal e a educação não-formal, perceber a diversidade que se encontra no campo da educação não-formal, fazendo-se necessário olhar para este campo, para os processos educativos que nele se desenvolvem, pois como a própria Gohn nos alerta precisa-se de uma educação que prepare os o sujeitos para uma cidadania coletiva.

Desta forma, hoje a formação do pedagogo não está apenas voltada única e exclusivamente para a atuação em sala de aula, pelo contrário está também para além dos muros da escola. São esses espaços tidos como ofertadores de educação não formal como ONG'S, colegiados, conselhos, e há a pedagogia social que vem ganhando destaque.

Podemos citar a atuação do pedagogo nos Centro de Referência e Assistência Social - CRAS, CREAS, em programas do governo federal como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil- PETI, entre outros espaços que abriam oportunidades de atuação para o profissional Pedagogo. Logo, o pedagogo é de grande importância para a execução dos trabalhos nesses espaços, e proporcionam novas possibilidades para a construção e formação social/cidadã de jovens, crianças e adultos que vivem em situações de vulnerabilidade social.

Com efeito, esses espaços visam contribuir para o crescimento intelectual/cultural da comunidade, da sociedade. É um espaço comprometido com a formação e o resgate de jovens e adultos. Através do desenvolvimento de suas habilidades e competências, e conseqüentemente para desenvolver essas competências busca-se o planejar das ações que serão desenvolvidas, estas realizadas pelo Pedagogo. Assim Ribeiro (2008, p. 04) vem nos dizer que

A participação de pedagogos vem mostrando uma real contribuição, em razão de sua formação trabalhar de forma interdisciplinar, e visar o trabalho em grupo, auxilia na gestão educacional, por ter uma visão ampla, mas focando prioritariamente, na formação do indivíduo.

Dessa maneira, entendemos que a gestão dos projetos sociais realizada por um pedagogo contribui não só para a capacitação do público alvo, mas também para a capacitação da equipe envolvida no projeto, por isso faz-se necessário que estes projetos sejam orientados por profissionais capacitados e com visão ampla.

2. ATUAÇÃO NO ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: VIVÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

A experiência de atuar no espaço não- escolar proveniente do Estágio Supervisionado III, ocorrida na instituição CRAS – Centro de Referência e Assistência Social no bairro do João XVIII , ocorreu no período de Agosto/Setembro de 2012, ressaltamos que público alvo desta instituição são as famílias e seus membros que se encontram em situação de vulnerabilidade social, em virtude da pobreza, atende especialmente as famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. Esta vivência nos proporcionou a percepção/visão de que o aprendizado assim como nos espaços escolares acontece por intermédio do pedagogo.

E nesse caso em específico, fazem parte também dessa prática pedagógica os assistentes sociais, os psicólogos, os psicopedagogos, os enfermeiros e outros profissionais. Sendo que esta proposta educacional também desenvolve atividades e por meio da interação dos participantes busca-se o acolhimento, ações que motivem e que propiciem a um incentivo de melhorar a realidade em que estas pessoas vulneráveis estão inseridas.

Diante disso, o pedagogo tem papel fundamental na educação dos sujeitos frequentantes e é através do desempenho desse profissional que ele poderá estimular/ contribuir/ favorecer na formação dessas pessoas como cidadãos. Neste sentido, o pedagogo se insere nesse espaço como um componente importante para a educação social e sua atuação deve ter intencionalidade e objetivos claros. Para tanto o pedagogo, deve estabelecer metas para contribuir no processo de inclusão e principalmente estar bem preparado. Para Tavares, (2010, p.19), “A educação social é a área ou universo de atuação educativa que objetiva que indivíduos em risco social se formem adquirindo saberes sociais necessários para a consciência da inclusão social”.

Dessa forma, o espaço não-escolar vem à complementar as ações desenvolvidas nos espaços escolares. Por ser um ambiente diversificado, sua atuação é de fato sócio-cultural, como o presenciado por nós na semana de observação e também na semana de regência o processo de ensino não é obrigatório e não possui repressão. É, portanto, uma forma prazerosa

de aprender e os assuntos trabalhados geralmente constituem-se de temáticas envolvendo a socialização, e a sensibilização das pessoas.

Assim, o espaço não-escolar surge numa perspectiva de educação social para enriquecer o aprendizado do espaço escolar que não é suficiente para atender a demanda social e com a dimensão de ser um suporte a essa educação, então, por tais motivos focaliza-se no indivíduo e no coletivo do ser social. Contudo, Tavares, (2010, p.34):

A ação do pedagogo em Espaços Não Escolares designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e metodologias que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, entre outras.

Tivemos durante o período mínimo de 03 semanas o prazer de presenciar e de praticar, exercer tal função na observação e na regência do estágio III. E percebemos que essas ações de buscar assuntos acerca de uma transformação social de fato, envolvem e estimulam esses grupos de pessoas fragilizadas. Talvez, por serem temáticas que abordem de maneira semelhante ou aproximada à vivência destes sujeitos, enfim que trata da realidade na qual eles estão incluídos, conseqüentemente isso instiga a um olhar mais atento e ao interesse em aprender.

Certamente o espaço não-escolar é um espaço de interação social e de tentativas de contribuições para a formação de sujeitos cidadãos. Para que eles possam adquirir conhecimentos e aprendam a se relacionar em sociedade. É um espaço que difere do escolar porque não tem a obrigatoriedade nas atividades, não é competitivo nem tão pouco dispõe de horário rigoroso e/ou rígido para a acolhida e saída dos participantes. Em outras palavras, a educação oferecida em espaços não-escolares exige flexibilidade, sensibilidade e atenção por parte dos profissionais que irão trabalhar nesse campo em questão.

Na verdade sabemos que todo lugar é favorável a aprendizagem e não seria diferente no espaço não-escolar. Entendemos que este cenário vincula-se a uma concepção de proporcionar melhorias ao bem estar social, através de ações assistencialistas e a favor de uma aprendizagem de conceitos humanos, de vida.

Em particular, foi através desse contato, dessa oportunidade com o espaço não-escolar que constatamos as várias formas de o pedagogo inserir-se e que sua atuação pode ser

diversificada, que vai depender de instituição para instituição. O que vai diferenciá-las é exatamente o local/ espaço em que ocorrerá o trabalho, por exemplo, temos o espaço escolar e o próprio espaço não-escolar.

O estágio Supervisionado III na instituição CRAS possibilitou-nos a uma possível compreensão e a capacidade de diagnosticar tanto a estrutura física dos 3 espaços estagiados por nós durante o processo de formação do Curso de Pedagogia, como a função e atuação do profissional de educação nesses lugares. Sendo este último estágio diferente dos 2 primeiros e em especial por ter temáticas que envolvessem a interdisciplinaridade e sendo voltada puramente a educação social. Entretanto, salientamos mais uma vez o espaço não-escolar é melhor ou pior do que os outros, ele age como um complemento a educação formal.

Tivemos a oportunidade de trabalhar com um público diverso durante as semanas de atuação, foram eles: crianças, adolescentes e idosos. Sendo realizadas atividades que pudessem dar conta de nossos questionamento e objetivos iniciais. Tratou-se de uma experiência diferenciado, pois até então só tínhamos trabalhado com crianças, em um espaço também diferenciado, a sala de aula/escola.

A respeito disso, a autora Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares (2010) menciona em sua tese de Doutorado, que o Curso de Pedagogia não dá suporte suficiente para o pedagogo atuar em espaços não-escolares, focando a atuação do pedagogo principalmente em espaços escolares.

Isso porque, na graduação, o foco é mais sobre a educação escolar, com alunos incluídos socialmente, já no trabalho do excluído, o foco é a pedagogia e assistência social. Não deveria, mas de certa forma, há uma forte separação entre educação e assistência social. (TAVARES, 2010, p.68)

Diante dessa afirmação, é importante relatar que realmente existe essa divisão entre as áreas de educação e assistência social e que o Curso de Pedagogia prepara o pedagogo focando principalmente nos espaços escolares. Daí surge à problemática de atuar em espaços não-escolares, de o pedagogo não ter a capacitação necessária para desenvolver tal função e mesmo assim tendo de proporcionar aprendizagens diversificadas que estimulem a conhecimentos de cidadania, ao ser solidário sem ter sequer a compreensão e o entendimento pertinentes pra desenvolver essa prática.

Em consenso, formamos a ideia de que sem dúvida o Curso de Pedagogia deveria destinar um tempo a mais “bem maior” para esse tipo de discurso, deveria abranger e defender esse espaço também como atuação profissional do pedagogo e não centralizar-se tão

somente em escolas/creches, enfim intuições escolares. Entendemos que o estágio supervisionado III no espaço não-escolar se caracteriza como um avanço no currículo do Curso de Pedagogia.

Em síntese, foi de grande valia essa experiência de observar e exercer a prática atuando/desenvolvendo atividades num ambiente diferente do já até então conhecido por nós em estágios anteriores e certamente tanto os estudos de teóricos apresentados a nós no decorrer desse processo de estágio foram importante no nosso desempenho e cumprimento desse componente curricular, quanto à própria execução das aprendizagens de sala de aula e posterior exercício na instituição CRAS.

Para Pimenta e Lima (2008, p.56) se faz necessário que; "... a relação entre os saberes teóricos e os saberes práticos ocorra durante todo o percurso da formação, garantindo, inclusive, que os alunos aprimorem sua escolha de serem professores a partir do contato com as realidades de sua profissão".

Portanto, o Estágio Supervisionado III foi de grande importância para o nosso aprendizado, isto é, nos possibilitou perceber a realidade de sujeitos em situações de vulnerabilidades, exigindo de nós sensibilidade, e a tivemos a certeza de que o CRAS não é uma extensão da escola, que no processo de interação não se utiliza atividades conteudistas nem rigorosas, mas sim relações afetuosas. Já que o perfil dos frequentadores desse espaço carece de sensibilidade e motivação.

CONCLUSÕES

A educação não-formal deve ser entendida como espaço possível de desenvolver aprendizagens, de forma a completar a lacuna deixada pela escola. Pois, mesmo com as mudanças que a educação tem conquistado ao longo do tempo, ainda prioriza o ensino voltado para questões mercadológicas, tão enraizadas pelo sistema capitalista.

Nesta perspectiva, tendo em específico a nossa vivência na instituição CRAS - Centro de Referência e Assistência Social ficou em evidência a importância desse espaço para a formação de crianças, jovens e adultos. Contribuindo em questões humanitárias, para a cidadania, para o reconhecimento/valorização de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade e que na maioria das vezes pertencem a grupos segregados/marginalizados socialmente.

Entretanto, sabemos que a educação não-formal não existe para substituir a educação formal, que ambos são espaços com especificidades e particularidades, são espaços que coexistem, complementando um ao outro. De maneira que cada um tem seu papel e função específica. Desta forma, o trabalho do Pedagogo nesses espaços pode ser compreendido como de um agente que fornecerá possibilidades de mudança e transformação social na comunidade abrangente desses espaços. Buscando através de trabalhos de convivência como é o caso da Instituição CRAS a interação das pessoas.

Assim, a discussão aqui apresentada é relevante e faz-se necessária, pois sabemos que o Curso de Pedagogia é abrangente no que diz respeito à área de atuação do pedagogo, e as experiências adquiridas nos processos de estágios I, II e III possibilitaram e contribuíram na construção de saberes necessários para a nossa identidade enquanto futuros profissionais da educação. Através destas vivências entendemos o estágio supervisionado com um espaço privilegiado, que nos permite aliar conhecimentos teóricos/práticos, oportunizando-nos ainda na graduação entrar em contato com a realidade de nossa futura profissão.

É evidente que o Curso de Pedagogia prepara e nos permite entrar em contato com o trabalho do Pedagogo nos espaços escolares, porém aborda/menciona de forma mínima, as possibilidades de atuação desse profissional em espaços diferentes, no caso, espaços não-escolares. Contudo, percebemos que o currículo do curso ainda restringe bastante o trabalho do pedagogo à profissão docente, mesmo sabendo das várias aberturas de atuação, isto é, que o trabalho do pedagogo está para além dos muros escolares.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Liliana Soares. **Gestão do pedagógico: De qual pedagógico se fala?** Currículo sem Fronteiras. V.14, n.2, p. 176-189, Jul./Dez. 2008.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal / não-formal**, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIBEIRO, Fernanda. **O Profissional pedagogo com habilitação em Multimeios e Informática Educativa, promovendo uma inclusão social e digital, na gestão e orientação de projetos sociais**, 2008. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/o-profissional-pedagogo-com-habilitacao-em-multimeios-e-informatica-educativa-promovendo-uma-inclusao-social-e-digital-na-gestao-e-orientacao-de-projetos-sociais/4605/>. Acessado em Julho de 2012.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O Pedagogo como agente de transformação social para além dos muros da escola**. Tese (Doutorado) Natal/RN, 2010.